

INDÚSTRIA LÍTICA PROTO-HISTÓRICA

NOTICIA DE UM PROTÓTIPO ENIGMÁTICO E DE SEUS CONGÊNERES (1)

Por

MARIA AMÉLIA HORTA PEREIRA

EST. I* e EST. II, fig. 1

Haverá uns quarenta anos foi encontrado casualmente numa sepultura integrada numa pequena necrópole do sítio denominado «A de Meias», Chaveira, freguesia de Cardigos e concelho de MAÇÃO, o longo paralelepípedo de pedra polida, escuro, quase negro, adiante representado. Recolheu-o o Dr. João Calado Rodrigues, já falecido, então Delegado Concelhio da Junta Nacional de Educação.

Apresenta as arestas boleadas, as faces laterais e a base ligeiramente convexas, a parte superior ornamentada por meio de incisões praticadas com buril nos quatro lados e no topo. A decoração baseia-se em duas profundas incisões paralelas longitudinais, seccionadas nas quatro arestas por incisões verticais que nascem abaixo da incisão inferior interceptando-se no topo.

Cada face é ornamentada com três pequenas incisões, uma descendo da incisão longitudinal superior até meio da faixa lisa intermediária, e as outras duas, paralelas, descendo da incisão longitudinal inferior.

(1) Maria Amélia Horta Pereira, *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*, Coimbra, 1969 (no prelo).

* Desenho de Miguel Duarte de Almeida.

Tal decoração não é casual. Ela corresponde a uma temática obrigatória neste tipo de peças, à semelhança do que sucede com as placas e báculos de xisto, com os ídolos-pinha e com os ídolos cilíndricos de calcáreo.

O objecto mostra ligeiro desgaste no troço médio. Na base vêem-se sete vestígios de percussão, decerto accidentais. Não tem vestígios de utilização.

O contexto, segundo nos declararam no povoado, era constituído por vasos de cerâmica e um, de vidro azul, com asinhas, todos perdidos.

Comprimento total do bastão	— 45,5 cm
Comprimento da zona decorada	— 6 cm
Lado na secção média	— 4,5 cm
Peso	— 2,340 kg
Natureza petrográfica	— Grauvaque

EST. II, fig. 2

Em Junho de 1968 foi-nos entregue pelo Sr. Luís da Rocha, residente em Vale de Grou, freguesia dos Envendos, concelho de MAÇÃO, a metade superior de um bastão absolutamente idêntico ao anterior, apenas um pouco maior, encontrado numa sua vinha do «Casal Cortido», área castreja dos arredores daquela aldeia onde repetidamente se têm feito também achados lusitano-romanos.

Esta peça tão-pouco acusava vestígios de utilização.

Comprimento do fragmento	— 25 cm
Comprimento da zona decorada	— 6 cm
Lado	— 4,6 cm
Peso	— 1,530 kg
Natureza petrográfica	— Grauvaque

(Os exemplares descritos encontram-se em Mação.)

EST. III, fig. 1

Um terceiro exemplar foi recolhido na Herdade «Do Braga», freguesia de S. Saturnino, concelho de FRONTEIRA. Também fragmentado, a decoração é análoga, um pouco mais rude — em cada face, duas incisões verticais paralelas descem da incisão longitudinal superior abaixo da incisão longitudinal inferior. Não mostra vestígios de utilização.

Esta peça faz parte das colecções do Dr. Fernando Nunes Ribeiro, Presidente da Câmara Municipal de Beja e ilustre arqueólogo, a quem agradecemos o ter-nos permitido noticiá-la.

Comprimento do fragmento	— 19 cm
Comprimento da zona decorada	— 6 cm
Lado	— 4 cm
Peso	— 1,300 kg
Natureza petrográfica	— Grauvaque

*

EST. III, fig. 2

Mais um congénere pode ver-se em Abrantes, no Museu D. Lopo de Almeida. Ao que apurámos, levou-o o seu fundador, Diogo Oleiro, da estação lusitano-romana de Alcourol ⁽¹⁾, «Casal do Carvalhal», concelho de CONSTÂNCIA, uma propriedade do Sr. Luís Pimenta Bairrão, onde por várias vezes efectuou trabalhos.

Está igualmente fragmentado e tem vestígios de utilização. A decoração é original: o motivo do topo repete-se nas quatro faces, entre as duas incisões longitudinais.

Pelas facilidades concedidas, aqui deixamos o nosso agradecimento ao Director do Museu de Abrantes, o Inspector Superior das Belas-Artes, Dr. João Manuel Bairrão Oleiro.

(1) Jorge e Adília Alarcão, «Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância», *Museu*, 2.ª série, n.º 10 (1966), p.p. 5-12.

Comprimento do fragmento	— 19 cm
Comprimento da zona decorada	— 6 cm
Lado	— 4 cm
Peso	— 0,900 kg
Natureza petrográfica	— Grauvaque

Existem no Museu Monográfico de CONIMBRIGA os terços superiores de quatro bastões. A sua Directora, Dr.^a Maria Adília Moutinho de Alarcão, permitiu-nos amavelmente publicá-los.

Dois têm já a clássica forma de paralelepípedo, com decoração análoga à do protótipo, apenas sobrecarregada por mais algumas pequenas incisões e arcos de círculo preenchendo a faixa intermediária.

Eis as suas medidas:

EST. III, fig. 3

Comprimento do fragmento	— 16,3 cm
Comprimento da zona decorada	— 5,2 cm
Lado	— 4,2 cm
Peso	— 0,682 kg
Natureza petrográfica	— Grauvaque

EST. III, fig. 4

Comprimento do fragmento	— 18,2 cm
Comprimento da zona decorada	— 6,4 cm
Lado	— 5,2 cm
Peso	— 1,875 kg
Natureza petrográfica	— Grauvaque

Os dois restantes são cilíndricos. A ornamentação baseia-se no triângulo e afiguram-se-nos tipos bastante mais primitivos.

EST. III, fig. 5

Comprimento do fragmento	— 12,1 cm
Comprimento da zona decorada	— 4,8 cm
Diâmetro	— 5 cm
Peso	— 0,575 kg
Natureza petrográfica	— Grauvaque

EST. III, fig. 6

Por se tratar de um topo, omitimos as dimensões.

EST. III, fig. 7

A «Quinta do Ribeiro da Nata», dos arredores de BELVER, parece ser uma estação lusitano-romana. Nela recolheu o Dr. João Calado Rodrigues, ao dealbar o século, uma peça que seu pai veio a oferecer a Félix Alves Pereira, o qual a reproduziu e descreveu nas suas *Páginas Arqueológicas* ⁽¹⁾, considerando-a exemplar único.

Deveria, consoante informação do autor citado, estar no Museu Nacional de Arqueologia. Debalde a procurámos, não constando mesmo do livro de entradas, e assim resta-nos a gravura cuja semelhança com o protótipo se nos afigura flagrante.

Dispomos igualmente de uma carta endereçada pelo Dr. João Calado Rodrigues ao P.^o Eugénio Jalhay, a qual compara ambas as peças, testemunho precioso de identidade do bastão de Belver.

Comprimento do fragmento	— 15 cm
Comprimento da zona decorada	— 5 cm
Lado	— 5,5 cm

EST. III, fig. 8

No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, proveniente da Citânia de Santa Luzia, VIANA DO CASTELO, existe o exemplar que reproduzimos, o qual se assemelha muito aos descritos, embora se encontre mutilado no topo, rudemente biselado por utilização posterior.

(1) Félix Alves Pereira, «Antiguidade em Belver», *Páginas Arqueológicas*. VI Lisboa, 1912, pp. 7-17.

— idem, *ibidem*, *O Archeólogo Português*, Lisboa, 1912, vol. XVII, pp. 265-275.

Da decoração vê-se somente uma incisão longitudinal e duas incisões verticais. Tem secção elíptica e o dorso da peça é ligeiramente deprimido. Cota n.º 11 842.

Sem dúvida é objecto mais arcaico.

Ao Director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Professor Doutor D. Fernando de Almeida, a nossa gratidão pela autorização de notícia concedida.

Comprimento do fragmento	— 15,5 cm
Diâmetro maior	— 6,7 cm
Peso	— 1,160 kg
Natureza petrográfica	— anfibolito (na ficha)

*

* *

CONCLUSÕES

Das 8 peças verdadeiramente características, só uma se conserva intacta e é o protótipo, saído de uma sepultura. As 7 restantes estão mutiladas de forma idêntica, o que não deve ser mera coincidência. Não foram fracturadas para servirem de instrumento, porque a parte que delas resta não tem nunca vestígios de utilização.

É provável que se trate de peças votivas e simbólicas, destruídas deliberadamente em consequência do seu carácter religioso após a cristianização da Lusitânia, prática, como se sabe, comum.

Parecem uma estilização do culto fálico, e seria fácil observar que, dentro de semelhante critério, a mais remota é a da Citânia de Santa Luzia, depois as duas cilíndricas de Conímbriga, e finalmente os paralelepípedos. Não se estranhará que venham a surgir exemplares sem decoração alguma — representam já uma degenerescência.

Designar tais peças por «bastões de mando» é sem dúvida prematuro. Todavia parece ser a função que melhor lhes cabe, a qual não exclui, aliás, a anterior.

Tendo em conta que todos os bastões surgiram em áreas de habitação castreja, posteriormente romanizadas, consideramo-los, pela

técnica e características, uma persistência da indústria lítica, de tradição eneolítica, susceptível de se situar entre os sécs. III a. C. e I d. C.

A origem eneolítica destes objectos e a sua relação com populações dedicadas à metalurgia, parece confirmar-se através dos exemplares seguintes:

a) EST. V, fig. 1

Um paralelepípedo de pedra polida com incisões, proveniente do Castro de Liceia ⁽¹⁾. Mede 11 cm de comprimento, 2,5 cm e 2 cm de lado, respectivamente.

b) EST. IV, fig. 2

Uma espécie de prisma de xisto, com incisões no topo, proveniente de Paderne, perto de Loulé, onde abundam os materiais do Eneolítico final e do Bronze antigo ⁽²⁾. Mede a peça, que está incompleta, 6,5 cm de comprimento, 2,3 cm e 1 cm nos lados, respectivamente.

c) EST. IV, fig. 3

Surgiu em San Bartolomé de la Torre, arredor de Huelva, um outro prisma, maravilhosamente decorado, tendo como motivos a árvore da vida e triângulos ⁽³⁾. É de «graveita». Mede 7,5 cm de comprimento e 2 cm de lado. Classificado como Bronze antigo.

d) Finalmente, indica-nos o Sr. Prof. Dr. Fernando de Almeida a existência de 4 bastões de ouro, ôcos, muito semelhantes ao espécime de Constância, existentes no *Museu Hitita*, Ankara. Os dois que observou encontram-se na vitrine 35 e provêm de Alaca Höyük, a célebre colina de Alaca, a 180 km da moderna capital da Turquia.

Foram classificados como Bronze antigo, 2.200 a. C., e, embora não tenhamos mais elementos, cremos serem peças do período *hati*.

(1) Félix Alves Pereira, «Antiguidade em Belver», *Páginas Arqueológicas*, VI, Lisboa, 1912, pp. 7-17.

— idem, *ibidem*, *O Archeólogo Português*, Lisboa, 1912. Vol. XVII, pp. 265-272.

(2) Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Lisboa, 1890, vol. IV, Lisboa, 1912, pp. 7-17.

(3) J. P. Garrido e E. Orta, «Un nuevo tipo de ídolo del Bronce I hallado en San Bartolomé de la Torre (Huelva)», *Ampúrias*, Barcelona, 1964-65, Vols. XXVI-XXVII, pp. 221-226.

Vêm, em todo o caso, reforçar de forma inesperada a ideia de ceptro: com efeito, são de ouro. O que só por si indica tratar-se de objecto precioso. São ocós. Naturalmente entrariam numa haste de bronze ou madeira. E que haste de bronze ou madeira, pode terminar com ponteira de ouro, senão uma insígnia real, uma vara de mando?

Esta derradeira e importantíssima achega obriga-nos a considerar o problema das relações entre a Península da Anatólia e a Península Ibérica, o intercâmbio feito por cretenses primeiro e fenícios depois, embora no estado actual dos nossos conhecimentos sobre o assunto versado neste artigo, seja ousado concluir que os bastões de mando provêm do Mediterrâneo Oriental.

Limitar-nos-emos a constatar que tais peças surgiram na transição do Eneolítico final para o Bronze antigo, em áreas habitadas por indo-europeus dedicados a actividades mineiras.

Os exemplares que particularmente estudámos, mostram uma área de difusão restrita às bacias do Tejo, Mondego e Lima. Temos notícia de formas lisas na bacia do Guadiana e no Tejo espanhol.

A matéria-prima, grauvaque, não existe na Beira Litoral, e é, ao contrário, comum na região de Mação, abrangida pelo complexo-xisto-grauváquico das Beiras, podendo ela ser o foco difusor de semelhante indústria.

Porém, só novos achados poderão responder às perguntas que para concluir aqui deixamos:

- Qual a função verdadeira dos bastões?
- Qual a sua cronologia exacta?
- Qual a sua real área de difusão?

R É S U M É

L'auteur décrit un parallépipède allongé, découvert il y a environ 40 ans dans une sépulture de «A de Meias», Cardigos, dans la région da *Mação*. Il était accompagné de poteries et d'un vase en verre bleu avec deux anses. Un deuxième objet du même genre fut trouvé en 1968 dans une vigne de Vale de Grou, Envendos, *Mação*, village marqué par la présence d'un CAS-TRO et par des trouvailles de l'époque de la romanisation.

Quatre extrémités supérieures existent dans le musée de *Conímbriga* — un autre CASTRO romanisé. Deux sont cylindriques, peut-être d'une époque antérieure, et deux sont en forme de parallélépipède.

D'autres ont été trouvés à S. Saturnino, *Fronteira*, à Alcourol, *Constância*, à *Belver* et dans la Citânia de Santa Luzia, *Viana do Castelo*.

Il s'agirait d'une survivance lithique de tradition néolithique, de caractère votif, voir rituel, comme l'on peut déduire d'un petit parallélépipède décoré trouvé dans le Castro néolithique de Liceia, d'une pièce prismatique du gisement du Bronze Ancien de Paderne, Algarve, d'un beau idole de San Bartolomé de la Torre, Huelva, classifié aussi comme Bronze I, et finalement, de 4 bâtons en or, d'on deux semblables à ceux que l'auteur a décrit, découverts à Alaca Höyük, Turquie, datés Bronze Ancien, 2.200 avant J. C.

Ces dernières pièces, exposées au Musée Hittite, Ankara, vitrine 35, lèvent une fois de plus, le problème des relations entre l'Anatolie et la Péninsule Ibérique, au moyen de la Crète et des Phéniciens.

Mais pour le moment, l'auteur veut se tenir au fait de l'apparition de tels objets en des aires d'habitation indo-européennes, vouées à une activité minière.

En admettant l'hypothèse de culte phalique associé à un bâton de de commandement, situe les pièces entre les siècles III avant J. C. et I de notre ère. Elle se demande enfin, quelle est la vraie fonction des objets de ce genre, quelle est leur chronologie exacte et leur distribution vraie.

On suppose que la surface de la plaque est plane et que le champ électrique est uniforme dans toute la plaque. On suppose aussi que la plaque est infiniment mince. On suppose enfin que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

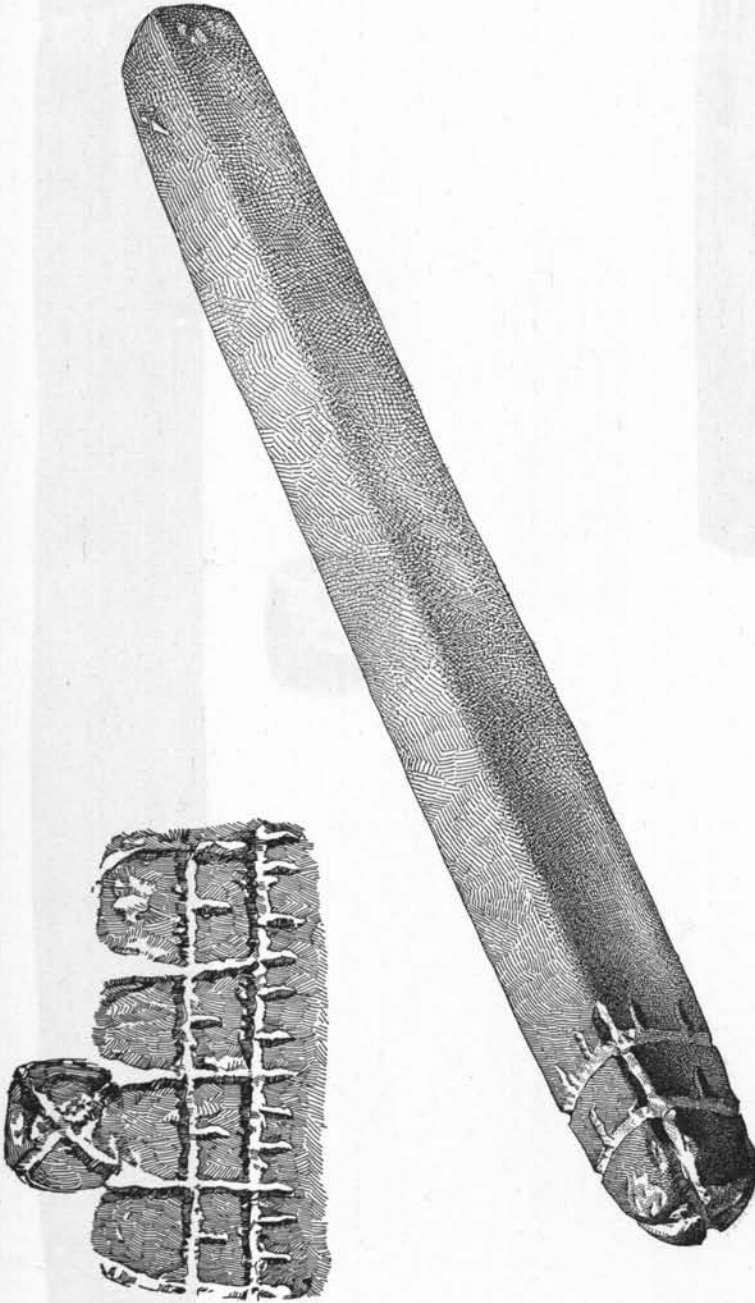
On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

On suppose que la plaque est infiniment mince. On suppose aussi que la plaque est isolée.

RÉSUMÉ

L'auteur décrit un parallélogramme chargé, déformé à x et y axes et son champ électrique de surface de charge. L'auteur, dans le chapitre de Math. Il décrit un parallélogramme de surface et d'un axe en deux axes, dans un axe. Un deuxième objet de ce travail porte sur l'axe en 1904 dans un axe de Vale de l'axe. L'auteur, dans le chapitre de Math. L'auteur, dans le chapitre de Math. L'auteur, dans le chapitre de Math. L'auteur, dans le chapitre de Math.



— O bastão da Chaveira, conchelo de Mação, vendo-se o desenvolvimento do topo decorado



Fig. 2



— Os bastões da Chaveira (1) e de Vale de Grou (2), este idêntico, como se vê na anterior



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

— Os bastões de Fronteira, Constância, (1, 2) e Conímbriga (3, 4)



Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8

— Os bastões cilíndricos de Conímbriga, (5, 6), Belver e St.^a Luzia (7, 8)



Fig. 1

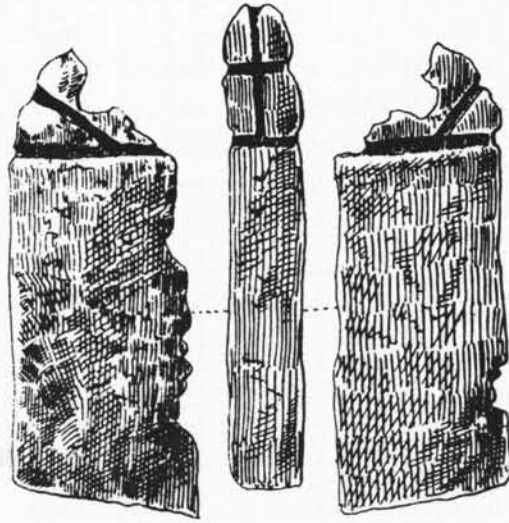


Fig. 2



Fig. 3

— As peças de Liceia (1), Paderne (2), e San Bortolomé de la Torre (3)